

Carnaval de um só

Josimey Costa

Jornalista e professora de Comunicação Social

Beatriz tinha visto num filme: os sonhos, mesmo quando não realizados, podem trazer felicidade simplesmente *porque foram sonhados*. Essa idéia casava-se perfeitamente com outra, de um outro filme, que dissolvia a crença numa alma única, indivisível para cada cristão. Cada ser possuía não uma, mas muitas almas. Na verdade, uma “confederação de almas”. E era possível que todas as almas constituíssem uma personalidade mais ou menos distinta e quase coerente porque um “eu” estava sempre no comando. O “eu” mandão sufocava os outros “eus”, que submetiam-se, mas não se anulavam. Algumas vezes, ao longo da vida, um “eu” subalterno poderia tornar-se dominante e aquele ser, formado por aquela confederação de almas, poderia transformar-se de modo radical. Poderia parecer uma outra pessoa, irreconhecível para as demais.

Ela deu uma risadinha por causa desses pensamentos. Sonhos apenas sonhados não podem trazer felicidade. Assim como aqueles que a gente pensa que concretiza. Viver não combina com sonhar. A vida, longe de realizar os sonhos, os banaliza. E eles deixam de ser sonhos. Lembrou-se da tia única, por parte de pai, que sonhara com uma vida de princesa. A tia casou-se com um alemão muito rico, que conheceu na prática hoje comum do “turismo sexual”. Ela era mulata, vistosa, já não tão jovem, mas dura de carnes, sorriso branco. O alemão levou a brasileira *caliente* para a Europa; ela foi em busca do seu sonho. Nas cartas que Beatriz recebia, a tia confessava que o marido era mesmo rico, era muito bom, dava-lhe de tudo. Ela passava o verão na Côte D’Azur, esquiava em Aspen e sempre visitava o Maranhão com os dois filhos. Continuava em forma, os *spas* e as cirurgias plásticas tinham garantido a suspensão do tempo. Mas sentia falta de alguma coisa. Seu sonho tinha mais emoção.

Havia, ainda, a confederação das almas.

Essa era uma idéia bastante simpática. Plausível, até. De outra forma, como entender e explicar aqueles impulsos subversivos e incoerentes que despontavam lá de dentro de vez em quando? Tratava de escondê-los muito bem, até de si mesma. Só que, em uma das vezes, não foi muito bem sucedida. O que garantiu a emergência de um novo “eu”.

Estava em pleno carnaval. Olinda fervilhava, a música baiana amplificada dos trios elétricos estourava das caixas-de-som de muitas casas, brigando com o maracatu e o frevo desvantajosamente soprado. No encontro das quatro ladeiras, dois blocos desciam em sentidos opostos. Desenhando uma cruz na confluência das descidas, a multidão de foliões *trêbados* vinha dos outros dois lados, tentando encontrar os blocos. Beatriz estava exatamente no meio. Mais exatamente ainda, no fundo, olhando em agonia os corpos que desciam em sua direção. Chovia e era como se o calor da multidão evaporasse a chuva antes que tocasse as peles suadas. Ela se viu comprimida, mas, ao invés de ser achatada por aquela massa, notou que subia. Os pés saíram do chão. Sentiu sob as solas a textura macia de carnes, roupas, cabelos. Olhou para baixo. Estava livre. Estava só.

Beatriz interrompeu as lembranças. Fumou mais um cigarro e reparou mais uma vez no prazer pervertido que esse ato lhe dava. Examinou o próprio corpo. Não tinha mudado muito. Por fora. Dentro, a paisagem era completamente diferente. Inóspita.

Em Olinda, tinha tirado a roupa enquanto caminhava por cima da multidão. Se a viam, se reclamavam dos seus pés, não percebeu. Ficou num cantinho escuro, bebendo aquela chuva diretamente com a pele . Um homem achou que ela queria sexo. Alguma coisa em seu olhar o fez desistir. Alguém a cobriu com uma toalha de mesa sem que ela protestasse. A chuva tinha parado, mas o mundo ainda estava úmido para Beatriz. A chuva continuava apenas em seus olhos e molhava somente o seu rosto. Teve a clara percepção de que estava sozinha. E não soube porque chorava até olhar para baixo e descobrir um sonho morto no chão.